

Telejornalismo, cultura e mortes do meio político: apontamentos sobre transformações do Jornal Nacional

*Telejournalism, culture and deaths in the political environment: notes
on transformations by Jornal Nacional*

*Teleperiodismo, cultura y muertes en el ámbito político: apuntes sobre
transformaciones por Jornal Nacional*

Michele Negrini¹
Silvana Copetti Dalmaso²

Resumo

A morte é um assunto que faz parte do cotidiano humano e que adentra na pauta dos mais diversos meios de comunicação, como a televisão, por meio dos programas telejornalísticos. No âmbito do telejornalismo, que tem passado por ressignificações de ordem social e cultural no decorrer do seu processo histórico, as coberturas de mortes podem ser tomadas como objetos para visualização dessas transformações. Desta forma, o foco deste artigo é observar, através de verificação de reportagens sobre mortes do meio político no Jornal Nacional, as transformações do subgênero telejornal. Vamos tomar como base teórica a discussão de gênero televisivo como categoria cultural (MITTELL, 2001), considerando o gênero televisivo como uma chave analítica para o estudo. A pesquisa tem caráter exploratório e observacional (GIL, 2008).

Palavras-chave: mortes do meio político; telejornalismo; Jornal Nacional; gênero televisivo como categoria cultural.

¹ Jornalista; mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do RS. Realizou estágio pós-doutoral no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, da UFBA. E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br; Orcid <https://orcid.org/0000-0003-2999-0186>

² Jornalista; mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria; doutora em Comunicação e informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: silvana.dalmaso@gmail.com; Orcid <https://orcid.org/0000-0001-5097-0660>



Abstract

Death is a subject that is part of human daily life and integrates the agenda of the most diverse media, such as television, through television news programs. In the scope of telejournalism, which has undergone social and cultural resignifications in the course of its historical process, the coverage of deaths can be taken as objects for viewing these transformations. Thus, the focus of this article is to observe, through verification of reports about deaths in Jornal Nacional political field, the transformations of the telejournal subgenre. The theoretical basis of this discussion is the television genre as cultural category (MITTELL, 2001), considering the television genre as an analytical key for the study. The research has an exploratory and observational approach (GIL, 2008).

Keywords: deaths in the political field; television journalism; Jornal Nacional; television genre as a cultural category.

Resumen

La muerte es un tema que forma parte de la cotidianidad humana y que entra a la agenda de los más diversos medios, como la televisión, a través de los informativos televisivos. En el ámbito del teleperiodismo, que ha sufrido resignificaciones sociales y culturales en el transcurso de su proceso histórico, las coberturas de las muertes pueden ser tomadas como objetos de visionado de esas transformaciones. De esta forma, el enfoque de este artículo es observar, a través de la verificación de reportajes sobre muertes en el ámbito político en “Jornal Nacional”, las transformaciones del subgénero telediario. Tomaremos como base teórica la discusión del género televisivo con categoría cultural (MITTELL, 2001), considerando el género televisivo como clave analítica para el estudio. La investigación tiene un carácter exploratorio y observacional (GIL, 2008).

Palabras clave: muertes en el entorno político; periodismo televisivo; Periódico nacional; género televisivo como categoría cultural.

Introdução

Por sua abrangência e inserção, a televisão é um veículo de comunicação que tem espaço significativo no cotidiano das pessoas. Conforme Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2019, 96,3% dos lares brasileiros possuíam televisão.

Fechine (2006) assinala que a televisão consegue fazer ligações articulatórias entre o individual e o coletivo, podendo sincronizar o cotidiano de pessoas com o de alguns grupos sociais bem mais amplos. Desse modo, a televisão: “Produz, com isso, um sentido de ‘estar com’ que se manifesta pela co-presença que a similaridade da



programação (todos vendo a mesma coisa) e a simultaneidade da transmissão (ao mesmo tempo) propiciam” (FECHINE, 2006, p. 1-2). A partir do pensamento de Fechine é importante destacar que a TV aberta oportuniza essa experiência que conecta milhões de pessoas e possibilita que indivíduos dos mais remotos lugares estejam contemplando as mesmas imagens, de uma mesma programação televisiva. Assim, o individual e o coletivo estão envolvidos no ato de assistir à televisão.

O sentido de “estar com”, de que fala Fechini (2006), e a simultaneidade da experiência se acentuam quando abordamos os telejornais. Como assinalam Piccinin, Negrini e Roos (2018, p.315): “Dentro da programação televisiva, os telejornais [...] são responsáveis por levar às audiências os principais acontecimentos do dia no mundo. Despertam, desta mesma maneira, a atenção de diversos olhares e públicos”. Em relação ao telejornalismo, Gomes e Menezes (2008) o reconhecem como uma instituição social. Faz parte do pensamento das autoras a perspectiva de que considerar o telejornalismo como instituição social acena para o reconhecimento de uma concepção específica de notícia e de informação jornalística. Assim, elas convocam olhares específicos e críticos para o processo de constituição do texto televisivo e da reportagem de TV.

Gomes (2007) destaca o reconhecimento do telejornalismo enquanto forma cultural e instituição social, de acordo com os olhares de Raymond Williams (1997) que relaciona estas formas ao contexto social, histórico e cultural. Desse modo, as reportagens televisivas produzidas pela instituição telejornalismo são perpassadas por uma série de fatores sociais e culturais. Como diz Araujo (2018):

Itania Gomes (2007) nos apresenta uma problematização interessante acerca do processo de produção do jornalismo. A autora nos leva a olhar para a notícia, enquanto interpretação dos fatos e, portanto, não o fato em si. Deste modo, vemos que a notícia é uma forma cultural de lidar com a informação, é um discurso, do mesmo modo como os produtos comunicacionais são formas culturais de lidar com a notícia. Assim, a notícia é um gênero do discurso, enquanto o programa jornalístico é gênero midiático. A notícia, enquanto discurso, convencionou formas e sentidos que ajudaram na configuração do jornalismo enquanto instituição socialmente reconhecida. (ARAÚJO, 2018, p. 57).



A partir do pensamento de Gomes (2007) e das ponderações de Araujo (2018), cabe acionar a perspectiva de que a configuração textual televisiva se transforma de acordo com as ressignificações sociais e culturais e que a conformação de uma notícia produzida por um telejornal não pode ser desvinculada do momento em que ela é tecida. Assim, na medida em que a sociedade vai tendo reconfigurações, o telejornal também vai se transformando, apresentando algumas continuidades, os traços que permanecem ao longo do tempo, mas também rupturas, ou seja, as mudanças, as transformações que naturalmente vão ocorrendo com o passar dos anos.

Partindo dessas concepções, este artigo tem como foco observar coberturas telejornalísticas de mortes do meio político no Jornal Nacional, olhando para as transformações do subgênero telejornal no decorrer do tempo, pontuando elementos que se mantêm e que se transformam no percurso histórico. Vamos tomar como base teórica a discussão de gênero televisivo com categoria cultural (MITTELL, 2001), considerando o gênero televisivo como uma chave analítica para o estudo. A pesquisa tem caráter exploratório e observacional (GIL, 2008).

A morte é um valor-notícia de seleção (TRAQUINA, 2005), ou seja, é um critério utilizado pelo Jornalismo para transformar os acontecimentos ordinários em conteúdo jornalístico. As notícias envolvendo mortes fazem parte do cotidiano de um telejornal; desse modo, mostra-se profícua a observação das transformações do telejornalismo em relação à apresentação da morte. De acordo com as aferições de Barbosa (2004a), na contemporaneidade, há uma nova forma de ver a morte e essa representação é delineada pelas transmissões dos meios de comunicação.

A morte tem ocupado um lugar privilegiado na televisão. Personagens emblemáticos, midiáticos ou oriundos da violência urbana que domina as cidades surgem na tela da TV sob a égide da morte. Dois movimentos podem ser visualizados: de um lado, a morte dos personagens políticos e públicos, os mitos nacionais; de outro, a morte anônima, fruto do espetáculo da violência. (BARBOSA, 2004b, p.63).

Os meios, de acordo com o olhar de Barbosa (2004a), demarcam como devem ser os rituais diante da morte, os lugares de preservação da lembrança e os aspectos que devem ser ressaltados ou suprimidos quando se fala da finitude. E como a abordagem da morte nas sociedades é completamente permeada pela cultura e pelo tempo histórico, a abordagem dos meios se transforma com as mudanças sociais. E são



justamente essas alterações, ou permanências, das coberturas de mortes que este estudo pretende observar, direcionando o olhar para a morte de dois notórios políticos e para a forma como essas mortes foram noticiadas por um telejornal, um subgênero do gênero televisivo.

Olhares sobre gênero televisivo³

Consideramos importante para este estudo, que discute as transformações do Jornal Nacional na cobertura de mortes do meio político, tecemos reflexões sobre o gênero televisivo. Assim, cabe convocar o pensamento de Mittell (2001), que diz que o gênero tem variações no decorrer do processo histórico; e que ainda que ele se mostre estável, em algum momento histórico-cultural, ele vai operar de forma distinta, apresentando variações e transformações que acompanham contextos sociais e históricos.

Silva (2010), ao pensar sobre gênero, ressalta que a conexão entre os Estudos Culturais e os estudos da linguagem fortalece a perspectiva de gênero como forma cultural sujeita a mudanças de fundo histórico-cultural. Ponderações de Gomes (2007) sobre gênero são apresentadas por Negrini:

No tocante à discussão sobre gênero, Gomes (2007) pondera que reconhece, juntamente com Raymond Williams, a existência de afinidades, em nível social e histórico, entre algumas formas culturais e as sociedades e os momentos históricos em que estas formas culturais têm efetivação. Em suas aferições, Gomes assinala que reconhece que o gênero se mostra como uma forma de situar a audiência televisiva no tocante a determinado programa, aos assuntos que são nele abordados e à forma como o programa destina os conteúdos ao público. O gênero dá respaldo para que ocorra a compreensão das regularidades e das especificidades que se mostram em produtos configurados historicamente. (NEGRINI, 2019, p.234).

A partir do pensamento de Gomes (2007), é importante apontar o reconhecimento da existência de afinidades entre formas culturais e os momentos históricos e as sociedades em que elas são efetivadas. Os pensamentos da autora são

³ Alguns apontamentos apresentados neste tópico foram apresentados em outro artigo publicado pelas autoras, com outros objetivos e focos. O referido artigo foi publicado nos anais do Congresso Intercom de 2021.



válidos para fazermos ponderações sobre transformações do Jornal Nacional no decorrer de seu processo histórico e para visualizarmos continuidades e rupturas em coberturas de mortes do meio político no espaço do telejornal. Partimos do pressuposto de que a conformação de um telejornal tem amplas bases no momento em que ele se encontra (GOMES, 2007). Desse modo, não é possível dissociarmos um telejornal de todo o entorno que o circula; ele é organizado com bases em questões sociais, históricas, culturais e tecnológicas.

Para Gomes (2011a), Jesús Martín-Barbero é um expoente quando o assunto é gênero, porque ele se propõe a “[...] pensar modelos comunicativos que abarquem a totalidade do processo, por sua concepção de gênero como estratégia de comunicabilidade e por considerar o caráter contingente e transitório do gênero e as distintas temporalidades que ele convoca” (GOMES, 2011a, p.113). Itania Gomes assinala que Martín-Barbero enxerga o gênero como uma categoria cultural, dando pistas sobre as relações entre comunicação, cultura, política e sociedade.

Em relação ao gênero televisivo como categoria cultural, Negrini (2020) destaca que os gêneros sinalizam contextos e práticas culturais, transcendendo sua concretude de texto:

Na mesma linha de pensamento de Martín-Barbero, Mittell (2001), no texto *A Cultural Approach to Television Genre Theory*, argumenta que os gêneros são categorias culturais; e que vão além dos textos da mídia, operando no contexto da indústria, da audiência e das práticas culturais. Desta forma, não é só um programa de televisão o delimitador de seu gênero, mas são os discursos da produção e da recepção que vão situar um programa em um determinado gênero. (NEGRINI, 2020, p.27).

O pensamento de Jason Mittell (2001), em *A Cultural Approach to Television Genre Theory*, enfatiza que os gêneros operam na relação entre indústria, audiência e práticas culturais, o que leva à inferência de que um gênero é constituído com bases nos discursos da produção e da recepção. Mittell (2001) já apontava que a análise de um texto midiático é perpassada pelo processo cultural que o envolve. Gutmann (2014) assinala que os gêneros funcionam em torno de um cenário de disputa, possuindo continuidades e rupturas. Desse modo, o contexto cultural não pode ser dissociado de um olhar analítico sobre os programas telejornalísticos, dentre eles, o telejornal.



Os programas telejornalísticos são uma variação específica na grade televisiva e compõem um gênero, que são programas jornalísticos televisivos (GOMES, 2007). Eles são perpassados por normas do campo jornalístico e do campo televisivo. Os telejornais, programas de entrevistas e documentários se mostram como variações do gênero programas jornalísticos televisivos e podem ser caracterizados como subgêneros (GOMES, 2007).

Gomes e Vilas Bôas(2015) salientam que a análise de um produto televisivo a partir do conceito de gênero envolve conexões, em nível histórico, entre matrizes da cultura, formatos da indústria do audiovisual e lógicas do sistema produtivo. Tais reflexões sobre gênero televisivo serão fundamentais para pensarmos na constituição das formas de narrar mortes do meio político no subgênero telejornal e, especificamente, no Jornal Nacional.

Ponderações sobre o Jornal Nacional

Para discutirmos as coberturas de mortes do meio político no Jornal Nacional a partir de discussões sobre gênero televisivo, faz-se precípua a apresentação de alguns pontos históricos relativos à constituição do telejornal. Para fins analíticos, concordamos com Gomes e Vilas Bôas (2015):

Nosso esforço, conceitual e analítico, tem sido o de tomar o conceito de gênero como uma categoria cultural com a qual operam a indústria televisiva, a recepção, a academia e a crítica cultural e acioná-lo para interpretar os vínculos entre comunicação, cultura, política e sociedade. (GOMES, VILAS BÔAS, 2015, p.110).

Nesse sentido, a contextualização de um telejornal para fins analíticos se faz importante porque compreende o programa, neste caso o telejornal, como “produto cultural específico, enquanto conjunto de estratégias histórica, econômica, cultural, ideológica e socialmente marcadas” (GOMES, 2007, p.13).

O Jornal Nacional foi ao ar pela primeira vez no dia 1º de setembro de 1969, sendo veiculado ao vivo para algumas capitais de estados brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. O jornal televisivo se mostra como uma estratégia da Rede Globo para competir por audiência com o Repórter Esso, da Rede Tupi. Franco



(2013) assinala alguns momentos significativos do JN, como o início do uso de teleprompter em 1971; e a assinatura de contrato da Globo com a United Press Internacional, em 1973, que possibilitou a obtenção de imagens via satélite para o JN. Franco (2013) também destaca a abertura de escritórios fora do Brasil: em 1973 foi em Nova York e, em 1974, em Londres.

De acordo com publicações sobre a História do JN no site do G1⁴, no ano de 1978, novas tecnologias foram utilizadas no telejornal, como a substituição do filme de 16 mm a partir da instalação da ENG (Eletronic News Gathering), que possibilitou a realização de edição eletrônica de videoteipe, dando muito mais agilidade ao telejornal. De acordo com a publicação, cabe salientar ainda que em 1991, o JN mostrou ao vivo imagens da Guerra do Golfo.

No ano de 1991, outro ponto significativo do percurso do JN, de acordo com Franco (2013, p.30), foi a busca do telejornal por um perfil mais investigativo, que se aproximasse mais do público. Já em 1992, desenhos e gravações com atores passam a ser usados em reconstituições dos fatos. Franco ainda destaca outros episódios importantes nas mudanças visualizadas no JN, no decorrer de seu percurso histórico:

Em 2 de abril de 2005, quando falece o papa João Paulo II, do Vaticano, em frente à Basílica de São Pedro, William Bonner fala ao vivo com os telespectadores. O deslocamento do apresentador do JN se repete em novembro de 2008, William Bonner vai a Washington cobrir a eleição norte-americana que torna Barack Obama, o primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos. No mesmo mês também acompanha, de um helicóptero, as enchentes em Santa Catarina. Em abril de 2010, Fatima Bernardes registra, no local, o deslizamento do morro Bumbá em Niterói. (FRANCO, 2013, p. 32).

Cabe destacar ainda que no decorrer da história, importantes ressignificações foram sendo apresentadas pelo JN. Houve diversas mudanças no cenário, com foco na modernização. Um ponto significativo foi a introdução de um telão no cenário, possibilitando contato simultâneo com profissionais de outras praças ou da rua. Além das mudanças de apresentadores, a tecnologia foi dinamizando cada vez mais as

⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/04/confira-historia-do-jn.html>. Acesso em: 28 de dezembro de 2021.



rotinas cotidianas do telejornal. As coberturas passaram a contar com infográficos e simulações, além de se voltarem à aproximação com o público.

Como o telejornal passou por diversas ressignificações e dinamizações de rotinas, nosso foco é observar as principais transformações que foram sendo visualizadas no Jornal Nacional na cobertura de mortes do meio político. Para isso, selecionamos como casos ilustrativos as coberturas telejornalísticas das mortes de Tancredo Neves e de Eduardo Campos, que, de formas diferentes, foram importantes para o cenário político brasileiro.

Mortes do meio político no Jornal Nacional

Primeiramente, iremos fazer a observação da edição extra do Jornal Nacional, veiculada em 21 de abril de 1985, um domingo, noticiando a morte do ex-presidente Tancredo Neves. Após um breve histórico sobre o político, pontuaremos alguns sentidos da cobertura a partir dos textos do apresentador e do repórter e considerando o contexto social e político em que estes discursos estão inseridos. Por esta edição do JN ser inédita e histórica, levada ao ar em um domingo, e também pelos limites de tamanho deste artigo, optamos por analisar somente esta significativa edição do telejornal. Em seguida, tecemos observações da abordagem do JN da morte de Eduardo Campos em edição veiculada em 12 de agosto de 2014 e também nas edições do telejornal do dia 14 e 16 de agosto daquele ano.

A morte de Tancredo Neves pelo olhar do JN

Um político muito conhecido no cenário brasileiro foi o mineiro Tancredo de Almeida Neves. Com vasta carreira no âmbito da política, no ano de 1985, foi eleito presidente da República por eleições indiretas, vencendo o adversário Paulo Maluf. Contudo, Neves não chegou a exercer o cargo de presidente. Ele adoeceu, foi internado e veio a falecer no dia 21 de abril de 1985. A morte de Tancredo teve repercussão nacional. O país aguardava a posse do que seria o primeiro presidente civil após a ditadura. O clamor ao presidente falecido e a repercussão da morte estão relacionados ao momento histórico que o Brasil vivia na época e aos anseios de muitos pelo fim da ditadura militar. Os discursos da morte de Neves no JN foram forjados com



imbricações do momento político da época, que era de recomeço após o fim do período ditatorial.

De acordo com reportagem da Revista Isto É, de 28 de setembro de 2011, a morte de Tancredo gerou comoção nacional e o funeral foi um dos maiores já realizados no país, com cerca de dois milhões de pessoas vendo a passagem do político morto por São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e São João Del Rei. Ainda de acordo com a revista, em Brasília, o corpo foi velado com abertura para visitação do público no Palácio do Planalto. E o arcebispo da capital federal da época, Dom José Freire Falcão, rezou a missa de corpo presente. Como uma morte que gerou tanta repercussão entre o público, a cobertura dos telejornais foi ampla e diversos recursos possíveis para a época foram convocados. O site Memória Globo enfatiza que, como o falecimento ocorreu em um domingo, o fato foi levado ao público no programa Fantástico; posteriormente foi veiculada uma edição especial do Jornal Nacional, apresentada por Sérgio Chapelin. Barbosa (2004b) tece importantes observações sobre a apresentação da morte de Tancredo nessa edição extra do JN:

A emissão do Jornal Nacional, principal jornal da televisão brasileira, de 21 de abril de 1985 é exemplar dessa apropriação da imagem da morte pela mídia. A edição transmite para todo o país o fim da agonia do presidente Tancredo Neves, após 37 dias de uma longa enfermidade, começa com a imagem da cantora Fafá de Belém cantando o Hino Nacional. O som continua ao fundo e várias imagens do presidente em vida transcorrem na tela. Em todas elas, a sua íntima relação com o público. São priorizadas também as imagens onde esse mesmo público torna-se multidão: os comícios e os discursos em praça pública. (BARBOSA, 2004b, p. 64).

Uma edição especial do JN logo após o falecimento de um político, e veiculada em um domingo, é algo histórico para a televisão brasileira; trata-se de uma decisão editorial que demarca um poder do telejornalismo da Rede Globo, o de interferir na programação quando a situação é julgada relevante e urgente além do poder de repercutir uma ocorrência da forma desejada pelos editores. A morte do primeiro presidente civil após o período da ditadura militar foi tratada como um fato que reúne os requisitos que justificariam a veiculação de uma edição do JN no seu único dia de folga e a ampla cobertura do velório e enterro do político.

A realização da edição extra do JN convoca olhares para demarcações da institucionalidade da emissora em relação à cobertura do fato pelo JN. Cabe apontar



aqui a perspectiva proposta pelo mapa das mediações, de Jesús Martín-Barbero (2008), que aborda que entre as matrizes culturais (MC) e as lógicas de produção (LP) se aplica a mediação da institucionalidade⁵. No domingo, 21 de abril de 1985, o repórter Carlos Tramontina, ao vivo de São Paulo, introduz a imagem com a entrada do porta-voz do governo, o jornalista Antônio Britto, na sala de imprensa do Instituto do Coração. Brito diz: *“Senhores, por gentileza! Lamento informar que o excelentíssimo senhor presidente da República, Tancredo de Almeida Neves, faleceu esta noite, no Instituto do Coração, às 10h23min”*. A fala de Brito remeteu a um evento de morte que gerou comoção nacional e que mexeu com o cenário político da época. Tramontina chama uma entrada do repórter Carlos Nascimento para falar do caso. Nascimento aponta:

“Dez horas e vinte e três minutos desta noite, o horário oficial do falecimento do presidente Tancredo Neves. Uma notícia que vinha sendo esperada já nestas últimas horas com o agravamento do estado clínico do presidente, que começou a ser revelado pelo secretário de imprensa no final da tarde, começo desta noite. [...]”

A fala de Nascimento segue cobrindo imagens relacionadas à comoção e à tristeza do público que estava nas redondezas do local. Pessoas chorando são enfocadas. O jornalista enfatiza:

“Nós vamos mostrar mais uma vez a rua Enéas Carvalho de Aguiar, lembrando que, neste momento, a falta que a gente sente aqui é daquelas numerosas pessoas, que durante dias, com chuva, com sol, com frio, não arredaram o pé daqui, muitas delas sem comer, sem dormir, rezando [...]”

A edição Especial do JN apresentada no dia do falecimento do político é iniciada por palavras de Chapelin as quais remetem a emoções e destacam a expectativa do povo brasileiro com o fim da ditadura:

“O presidente Tancredo Neves está morto, como acaba de informar o secretário de imprensa Antônio Britto. Nesta hora de profunda

⁵ De acordo com Santos (2014): “A relação entre as MC e as LP está mediada pela institucionalidade. Ou seja, na forma como os elementos das matrizes culturais são institucionalizados pelas lógicas de produção empresariais. Por sua vez, entre as LP e os FI se dá a mediação da tecnicidade, em que é vista a capacidade das empresas de inovarem em seus formatos, convocando percepções e discursividades” (SANTOS, 2014, p.27).



tristeza, o Brasil se sente mais só. Todos nós brasileiros estamos sofrendo muito. Dr. Tancredo, o senhor nos deixa, entre lágrimas de saudades, a certeza que haveremos de viver uma nova república [...]”.

Quando o apresentador emite, em seu discurso, palavras sobre os anseios de vivência de uma nova república, aciona o possível posicionamento, favorável, da Globo e do JN à entrada de um presidente civil no poder. As palavras de Chapelin também remetem a um enfoque de construção discursiva com bases na evidenciação de emoções. Tal construção demonstra disputas entre as bases do telejornalismo de referência, que tem princípios como objetividade nos relatos, como foi apontado por Emerim (2010), e a lógica de evidenciação de emoções.

Mesmo sendo veiculado em um domingo, dia em que não há veiculação do JN, a edição especial teve a condução de Chapelin, um dos seus apresentadores titulares naquela época. Ele era um mediador com credibilidade e símbolo do telejornal na época. A opção por levar Chapelin ao ar, de manter um dos ícones do telejornal na bancada, mesmo em seu dia de folga, mostra o destaque e a relevância que o telejornal atribuiu à morte de Neves.

Enquanto Chapelin narrava o fato, aparece a imagem de uma cruz se sobrepondo às cores verde e amarelo ao fundo. As palavras do apresentador são embaladas pelo Hino Nacional tocado de forma instrumental. As escolhas de mostrar a cruz, junto a cores da bandeira nacional e ao hino, remetem a elementos da identidade da nação brasileira, que está sendo relacionada à morte do então representante máximo do país.

Figura 1 – Chapelin apresentando o JN no dia da morte de Tancredo Neves



Fonte: Reprodução/Youtube



Chapelin ainda convoca elementos do discurso religioso para falar do falecimento de Tancredo Neves, utilizando das palavras “Deus”, “fé”, “rezar” e “alma”:

“Que Deus abençoe a herança física e espiritual do Dr. Tancredo Neves. Homem símbolo de um novo tempo. Ele nos deixa a patriótica lição do país que se redime, do país que tem fé e é capaz de ressuscitar. Aos 75 anos, doente, martirizado, Tancredo de Almeida Neves lutou sem desesperar, movido pela sua confiança no futuro do Brasil. Vamos rezar pela alma do Dr. Tancredo, que é a própria alma de seu povo. Vamos rezar e acreditar, como ele sempre acreditou, no futuro do Brasil”.

Quando o apresentador fala do Brasil como um país de fé, está remetendo ao contexto religioso da sociedade brasileira, marcada pela forte presença do Cristianismo, além de outras práticas religiosas. A religiosidade é referenciada no discurso, associando-a ao contexto da morte do político, que “lutou sem desesperar” e atribuindo qualidades ao ex-presidente, mártir e representante da “própria alma de seu povo”. O discurso do JN, desse modo, exalta o político, o que demonstra o poder da Globo ao optar por este tipo de foco e espaço em seu mais importante telejornal.

Chapelin termina sua passagem convocando o espectador para cantar o hino nacional: “Pátria amada, mãe gentil, nessa hora queremos ouvir teu hino, queremos cantar juntos: pátria amada, Brasil”. O telejornal mostra a cantora Fafá de Belém interpretando o hino. E, com a voz de Fafá, diversas imagens são exibidas, como do próprio Tancredo, de pessoas emocionadas, da bandeira nacional e mãos segurando um terço, elemento que remete à religiosidade. Trazer o Hino Nacional para o contexto do programa é evocar traços de nacionalismo e de reverência ao político falecido. O discurso é construído voltado a despertar emoções.

O discurso que narra o fato, principalmente sob a voz de Chapelin, é direcionado à constituição de sentidos de que o presidente morto representava a esperança do povo. Em um vídeo reconstituindo momentos históricos de Neves, o ex-presidente é enfocado como católico, como alguém que foi coroinha e que tinha a religião em primeiro lugar. Feitos políticos de Neves também são enfatizados e ele é apresentado como um conciliador no meio político e como alguém que acreditava no país. Não houve a apresentação de pluralidades de sentidos sobre o falecido.



Na edição que mostrou a cobertura do enterro do político, o apresentador Celso Freitas assinala: “O Brasil inteiro faz hoje a última homenagem ao presidente Tancredo Neves”. A repercussão da morte em vários locais do país é destacada, com exibição de homenagens e de imagens com a população emocionada. Além das pessoas chorando, o telejornal veicula depoimentos de fontes falando da importância do então presidente. Um dos depoimentos enfatiza: “Minas e o Brasil inteiro sentem que perderam o maior estadista brasileiro de todos os tempos”. As palavras desta fonte evidenciam a opção da Rede Globo por exaltar as qualidades políticas do morto. A convocação de fontes que enunciam características positivas do ex-presidente mostra o trabalho do telejornal na construção de uma concepção unívoca de boa pessoa sobre ele, não fazendo tensionamentos sobre sua conduta e sobre suas ações políticas.

Imagens com filas para ver o corpo são mostradas no JN, com a legenda: “Palácio da Liberdade, 4:30”, construindo o sentido de que a fila permaneceu durante a madrugada. Pessoas emocionadas, falando que valeu a pena esperar na fila são acionadas como fontes. Esta perspectiva demarca a lógica que o JN adotou na cobertura: enaltecer o morto e, desta forma, se posicionar politicamente. De acordo com Barbosa (2004a), no telejornalismo, o morto notável, que é o caso de Tancredo Neves, teve sua vida dotada de atos evidentes, sua trajetória é mostrada como exemplar e por isso merece ser lembrada e cultuada. O enaltecimento das características positivas do morto notável chegam ao ponto de torná-lo um herói diante do público.

Cid Moreira continua a enunciar o fato, exaltando o heroísmo e a esperança para falar do ex-presidente: “O enterro do presidente vai ser realizado às 10h. São João Del Rei, a terra de infância de um herói brasileiro, Tiradentes, celebra agora outro nome para a memória do Brasil: Tancredo Neves, o presidente da esperança”. Nestas palavras do apresentador, Tancredo é comparado a Tiradentes, ganhando status de herói mineiro no discurso do JN. A lógica de suspensão da morte é convocada para enfatizar a manutenção do nome de Neves na memória brasileira. O dia 21 de abril passou a ser marcado como o dia de Tiradentes e o dia do aniversário da morte de Tancredo.

As filas de pessoas emocionadas que desejam prestar a última homenagem a uma personalidade política estão em imagens sempre presentes no percurso do JN na cobertura de mortes célebres. Com o passar do tempo e com o desenvolvimento



tecnológico, a captação de imagens foi sendo aprimorada, mas a demonstração de cortejos continuou sendo realizada. Na Idade Média, de acordo com Ariès (2003), era comum a demonstração exagerada de sentimento desde o quarto do moribundo. Hoje, no contexto ocidental, em alguns locais, os rituais têm amplo espaço e vigência na cena televisiva. Nesse sentido, é importante destacar que, um mês antes da morte de Tancredo Neves, quando foi revelada a grave doença que acometia o político, o telejornalismo global fez a cobertura, informando o público da situação em edições dos noticiários e em entradas extras, ao vivo, com interrupção da programação e transmissões ao vivo (BARBOSA, 2004a). No dia da morte e no dia posterior, as entradas ao vivo dos repórteres, a transmissão da cerimônia de maneira quase ininterrupta pela televisão, mostram uma notável cobertura jornalística que contava com os recursos tecnológicos disponíveis na época, as câmeras analógicas e os “ao vivos”. As dificuldades referentes ao imediatismo, à simultaneidade e aos efeitos visuais disponíveis da televisão eram maiores se compararmos ao ano de 2014, quando o político Eduardo Campos morre tragicamente em um acidente aéreo.

A morte de Eduardo Campos pelo olhar do JN

Outro político de destaque no cenário brasileiro, falecido de forma trágica em 2014, foi o pernambucano Eduardo Campos. De acordo com informações do Portal IG⁶, o político era formado em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco, local onde deu os primeiros passos em sua militância política atuando como presidente de Diretório Acadêmico. Era neto do influente político Miguel Arraes, ex-deputado federal e ex-governador, por três mandatos, do estado de Pernambuco.

Ainda de acordo com o IG, em 1990, fez sua filiação ao PSB. Em 1994, foi eleito deputado federal e reeleito para a Câmara Federal em 1998 e 2002. Em 2005, assumiu o posto de presidente nacional do seu partido. Em 2006, venceu a eleição para o governo de Pernambuco e foi reeleito em 2010 para o mesmo cargo. Em 2014, Campos lançou-se candidato à presidência da República, mas faleceu no dia 13 de agosto daquele ano, vítima de um acidente aéreo. O avião que o transportava saiu do aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, com destino a Guarujá, em São Paulo,

⁶ <http://ultimosegundo.ig.com.br/eduardo-campos/53e8e19a08ec508e5700009c.html>



mas caiu na cidade de Santos. Na véspera da morte, no dia 12 de agosto, Campos havia dado entrevista para os apresentadores William Bonner e Patrícia Poeta no Jornal Nacional.

Uma reportagem do Portal G1⁷ sobre o acidente relatou que moradores da região declararam ter visto uma bola de fogo no céu. E que o avião caiu em uma casa abandonada, mas os destroços atingiram outras casas nas redondezas. De acordo com reportagem da Carta Capital⁸, o político foi enterrado na sua cidade Natal, no cemitério de Santo Amaro, ao lado de seu avô, Miguel Arraes. A revista ainda relata que o político foi sepultado com clamores de: “Eduardo, guerreiro do povo brasileiro”.

No dia do acidente, a Rede Globo fez ampla cobertura do caso e o Jornal Nacional da noite veiculou vários detalhes do acontecimento. A edição inicia com declaração de Bonner:

“Nós abrimos esta edição do Jornal Nacional com sentimento de perplexidade. Menos de 24 horas depois da entrevista que nós fizemos com o candidato do PSB à presidência, Eduardo Campos, nós nos vemos em uma situação de termos que iniciar o noticiário com o anúncio de sua morte trágica e precoce. Nós estamos nos estúdios de Brasília. Viemos pra cá ainda de manhã, porque hoje seria a vez de entrevistar a candidata do PT à reeleição, Dilma Rousseff, no Palácio da Alvorada. E soubemos do acidente e da morte do candidato assim que nosso avião pousou. [...]”.

As palavras do apresentador, ao falar do sentimento de perplexidade com o ocorrido, demonstram que o telejornal se encontra em um contexto de tentativa de aproximação com o telespectador e que tem uma lógica editorial bem mais “flexível” que a que foi visualizada na cobertura da morte de Tancredo. A abertura feita por Bonner ainda remete à postura do programa de fazer uma grande cobertura do caso. Ele destaca que as entrevistas de Dilma e do outro candidato que seria entrevistado, o pastor Everaldo, ficariam para semana seguinte, em dias ainda a serem definidos, o que mostra o posicionamento da emissora, de priorizar a cobertura da morte de Campos.

⁷ <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/08/eduardo-campos-morre-apos-queda-do-aviao-em-que-viajava.html>

⁸ <https://www.cartacapital.com.br/politica/sob-gritos-de-guerreiro-do-povo-brasileiro-campos-e-enterrado-3416.htm>



Da mesma forma que no caso de Tancredo Neves, estamos abordando a morte de um político que faleceu em um momento importante no cenário político brasileiro. No caso mais atual, a morte se deu em meio a uma campanha política, em período pré-eleições. Trata-se da morte de um presidencial, relativamente jovem (49 anos), e em ascensão, por isso a notabilidade do ator social já seria um fator que daria aval para que a morte dele ganhasse espaço nos principais telejornais do país. Soma-se a isso o componente acidental e trágico que vitimou Campos e mais cinco pessoas – dois pilotos e quatro integrantes da equipe do político – com grandes destruições do espaço físico onde ocorreu o acidente. Tudo isso fez com que o JN desse amplo espaço ao fato. A escolha por deixar as entrevistas com outros presidenciais para data futura demonstra traços de poder do telejornal na discursivização acerca do fato.

A fala de Bonner “E começamos agora a contar os detalhes desta quarta-feira triste com o trabalho de nossas equipes de reportagem aqui em Brasília, em Recife, no Rio, em Nova York, em São Paulo e em Santos” remete à opção do JN em fazer uma cobertura sobre o caso, reunindo informações a partir de diversos grandes centros. Alguns pontos que foram acionados pelo JN na cobertura da morte do presidencial: a participação de Eduardo e de sua família no contexto político; as demonstrações de carinho recebidas pela família do falecido e as demonstrações de solidariedade por parte do público; informações sobre o velório e enterro; informações sobre as proporções do acidente e sobre a caixa preta do avião; repercussão da morte na imprensa internacional.

Recursos tecnológicos foram usados para ilustrar as informações dadas na cobertura. O uso da tecnologia auxilia nas explicações e esclarecimentos sobre como ocorreu a queda do avião. Tais recursos, incorporados às narrativas, demarcam o momento tecnológico do JN, evidenciando que estamos em um contexto mais contemporâneo, no qual a tecnologia está bastante desenvolvida.



Figura 2 – recurso gráfico usado na cobertura da morte de Campos



Fonte: Reprodução/Jornal Nacional

A utilização de recursos tecnológicos é recorrente no contexto atual do Jornal Nacional. A tecnologia e o uso de infográficos estão presentes não só em coberturas de tragédias, mas em outros casos. Algumas abordagens da cobertura da morte de Campos só foram possíveis porque o JN dispõe de capacidades de uso de diferentes tecnologias na composição das reportagens.

Da mesma forma que em outras coberturas de mortes, a repercussão do acidente na imprensa internacional também foi enfocada. Patrícia Poeta chama o repórter Alan Severiano, de Nova York, que comenta a repercussão mundial do acidente, mostrando notícias de grandes jornais do mundo sobre o falecimento do político brasileiro.

Na edição do dia 14 de agosto, dia posterior ao acidente, a cobertura da morte do político pernambucano continua ganhando espaço. Repercutem aspectos da investigação dos motivos do acidente, discussões sobre a sucessão de Campos no seu partido além de questões ligadas à identificação dos corpos. Na edição do dia 16, a identificação e a liberação dos corpos para o enterro foram enfocadas. Neste mesmo dia, as cerimônias de sepultamento ocuparam espaço na pauta do telejornal. Ao noticiar os cerimoniais, o telejornal destaca a comoção do povo com a morte do político e as homenagens por parte do público. A cobertura faz referência ao momento político que o Brasil estava vivendo, o período pré-eleitoral, evidenciando a comoção gerada pela morte de um político jovem e candidato à presidência da república. Ao evidenciarmos a comoção gerada pela morte de um candidato à presidência em



momento de eleição, cabe convocar o pensamento de Hall (2016) de que não é garantido que os objetos de uma cultura terão sentidos semelhantes em outras. Desta forma, a repercussão da morte do presidente foi relacionada ao momento político do Brasil na circunstância da morte, que era de eleições presidenciais. Em outro momento e em outro local, os sentidos poderiam ter sido distintos.

Figura 3 – homenagens do público às vítimas do acidente



Fonte: Reprodução/Jornal Nacional.

O destaque às homenagens públicas e à comoção popular é bastante comum em coberturas de mortes de grande proporção ou envolvendo personalidades públicas. Mortos famosos como Michael Jackson, Freddie Mercury e Ayrton Senna receberam o carinho popular por meio de muitas manifestações. No meio político, já apresentamos informações sobre o falecimento de Tancredo Neves, que foi muito aclamado pelo público. A lógica da apresentação de comoção e de emoções tensiona os princípios do telejornalismo de referência, que vão ao encontro de premissas voltadas a relatos mais objetivos e concisos. Para Rondelli e Herschmann (2000), as narrativas televisivas de mortes de figuras públicas possuem um tom emocionado e trágico porque intencionam atrair a atenção do público.

A notícia da morte repentina de um político que havia acabado de dar uma entrevista no JN um dia antes do acidente contribuiu para o sentimento de perplexidade e choque, tanto da equipe do JN quanto do público, aumentando a comoção em torno da morte de Campos.



Considerações finais

Ao observarmos as coberturas do JN das mortes de Tancredo Neves e de Eduardo Campos, dois eventos separados por quase 30 anos, foi possível verificar semelhanças, advindas das tradicionais formas do telejornalismo de cobrir o falecimento de personalidades públicas, e diferenças, ligadas principalmente ao momento político, social e cultural.

Entre os elementos comuns das duas coberturas, salientamos a questão da comoção entre o público, o destaque às homenagens e a exploração de sentimentos das pessoas enlutadas pela perda de um líder político. Tanto em 1985 quanto em 2014 o JN faz uma ampla cobertura das mortes, compreendendo a relevância do fato histórico. Ambas as mortes ocorreram em momentos político-históricos importantes, o período pós ditadura militar, em 1985, e o período pré-eleitoral de 2014. Tais contextos envolvem e influenciam as dinâmicas do subgênero telejornal. Se com Tancredo Neves, a Globo demonstrou seu poder ao fazer uma edição especial, extraordinária e inédita do Jornal Nacional em um domingo, com Eduardo Campos, entrevistas com presidenciáveis foram canceladas, repórteres de várias cidades foram acionados e recursos tecnológicos utilizados para contar em detalhes o ocorrido. Assim, de formas diferentes e contextualizadas conforme a época, as duas mortes receberam ampla cobertura do JN. A enunciação das qualidades da personalidade falecida, que transparece nos discursos de apresentadores e fontes entrevistadas, em detrimento das críticas e demais nuances da personalidade do falecido, é um traço hegemônico presente no subgênero telejornal neste tipo de situação. Também é um elemento em comum a veiculação dos cortejos fúnebres, cerimônias e homenagens públicas, com destaque à comoção do cidadão comum.

As diferenças entre as coberturas, que consideram as transformações do subgênero telejornal ao longo do tempo, residem nas formas como as personalidades faleceram e nos distintos momentos políticos, sociais e culturais em que cada fato aconteceu. É importante lembrar aqui que o telejornalismo é uma instituição social (GOMES; MENEZES, 2008) e, como tal, ele é afetado pelo contexto histórico, social e cultural em que está inserido.

Na morte de Tancredo Neves, o choque advém de uma morte que acontece num contexto de recomeço: o recomeço de uma república depois do período ditatorial.



Este recomeçar é interrompido pela morte do líder, o presidente escolhido que conduziria a nação nesse momento político de transformação. Por isso, o JN, nos discursos veiculados, faz referências à esperança, à tristeza nacional, comparando Neves a um herói como Tiradentes. Tancredo Neves já era o presidente, ainda que eleito de forma indireta, e a comoção nacional também foi gerada pela forma como ocorreu esta perda, decorrente de uma doença grave difícil de ser enfrentada. Além disso, as palavras dos apresentadores na edição do JN remetem a elementos da religiosidade cristã, algo que não é mais comum de ser visto nos atuais textos do telejornal; esta é uma transformação importante na linguagem do telejornal.

Já na morte de Eduardo Campos, a perplexidade e o choque são gerados pelos elementos do trágico, do dramático, e da carreira precocemente interrompida de um político em ascensão. Em um dia, o político está concedendo entrevista no telejornal mais importante da rede Globo; no outro dia, sua morte está sendo noticiada pelo mesmo telejornal. Daí o sentimento de perplexidade enunciado pelo apresentador William Bonner no dia do acidente; tal postura de compartilhamento da sensação de choque causou um efeito de aproximação entre apresentadores e público. O período é pré-eleitoral, onde muitas expectativas estão sendo construídas pela sociedade. A morte de um dos principais personagens da corrida eleitoral modifica o cenário político social e impacta os discursos que são construídos no momento de noticiar o fato. Outro aspecto importante ligado ao contexto histórico do subgênero telejornal é o uso de recursos tecnológicos que o JN dispõe para construir as notícias. Tais recursos foram usados na cobertura da morte de Campos pelo JN e isso só foi possível devido a este momento específico em que o telejornalismo se encontra, com variadas possibilidades narrativas viabilizadas pelos avanços tecnológicos. Todas essas observações têm como perspectiva o gênero televisivo como categoria cultural (MITTEL, 2001) e o telejornalismo enquanto forma cultural e instituição social (2007). Assim, o JN, em épocas diferentes, de formas diferentes e em contextos diferentes, produziu coberturas de mortes de personalidades políticas as quais foram afetadas e influenciadas pelas condições políticas, sociais e culturais praticadas no momento histórico em que o telejornal estava inserido.



Referências

- ARAÚJO, Elisa bastos. Desmontando o castelo de cartas: disputas de sentido em torno dos vínculos entre culturas políticas e jornalísticas em House of cards. 2018. **Dissertação**. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia. Bahia.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BARBOSA, Marialva. **A morte imaginada**. In: GT Comunicação e Sociabilidade na XIII Compós. UESP: São Paulo, 2004a.
- BARBOSA, Marialva. O dia em que o Brasil parou: A morte de Tancredo Neves como cerimônia midiática. **Revista Comun. Inf.**, v. 7, n. 1, p.62-79, jan./jun. 2004b.
- CARTA CAPITAL. **Campos é enterrado sob gritos de "guerreiro do povo"**. **Disponível** em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/sob-gritos-de-guerreiro-do-povo-brasileiro-campos-e-enterrado-3416.html>. Acesso em: 07 de setembro de 2017.
- EMERIM, Carlida. O texto na reportagem de televisão. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. **Anais**. Caxias do Sul: Intercom, 2010
- FECHINE, Yvana. Uma proposta de abordagem do sensível na TV. In: XV Encontro da Compós, 2006, Bauru. **Anais**. Bauru: Compós, 2006.
- FRANCO, Eda Mariza. A Voz na apresentação do telejornal: um estudo enunciativo do Jornal Nacional da Rede Globo. **Tese**. Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Itania. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Revista ECompós**, Porto Alegre, v.18, n. 1, p. 111-130, jan.-abr. 2007.
- GOMES, I.; MENEZES, M. O pacto sobre o papel do jornalismo nos quatro telejornais diários da TV Globo. **Animus**, v. 13, p. 1-20, abr. 2008.
- GOMES, Itania Maria Mota. Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero. **Famecos** – mídia, cultura e tecnologia, v.18, n.1. Porto Alegre: 2011a, p.111-130.
- GOMES, Itania M. M.; Vilas Bôas, Valéria. **"Ai, que infortúnio!" Disputas de gênero em um produto da indústria pop**. In: Simone Pereira de Sá; Rodrigo Carreiro; Rogério Ferraraz. (Org.). *Cultura Pop*. 1ª ed. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS, 2015, v. 1, p. 109-129.
- GUTMANN, Juliana Freire. Quando ruptura é convenção: o programa Gordo a Go-Go como espaço de experiência do talk show. **Contracampo**, v. 31, n. 1, ed. dez.-mar. 2014. Niterói: Contracampo, 2014. p. 60-78.



G1. **JORNAL NACIONAL**. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/04/confira-historia-do-jn.html>. Acesso em 28 de dez. 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD contínua**: acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf. Acesso em: 12 dez. 2021.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**: morte de Tancredo Neves. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/morte-de-tancredo-neves.htm>. Acesso em: 2 set. 2017.

MITTELL, Jason. A cultural approach to television genre theory. **Cinema Journal**, 40, nº 3. Austin: University of Texas Press, 2001, p. 3-24.

NEGRINI, Michele. Diversas temporalidades nos discursos televisivos sobre a morte: aferições sobre a tragédia da Chapecoense no Jornal Nacional. **Contemporânea** (UFBA. ONLINE), v. 17, p. 229-249, 2019.

NEGRINI, Michele. **A morte no telejornalismo**: as relações de temporalidade e cultura nos discursos do Jornal Nacional. 1ª. ed. Florianópolis: Insular, 2020. v. 1.

PICCININ, Fabiana ; NEGRINI, Michele; ROOS, ROBERTA . Telejornalismo universitário e acessibilidade. **Rumores** (USP), v. 12, 2018.

PORTAL G1. **Eduardo Campos morre em Santos após queda do avião em que viajava**. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/08/eduardo-campos-morre-apos-queda-do-aviao-em-que-viajava.html>. Acesso em: 7 set. 2017.

PORTAL IG. **Eduardo Campos**. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/eduardo-campos/53e8e19a08ec508e5700009c.html>. Acesso em: 31 ago. 2017.

REVISTA ISTO É (2011). **Sarney, o primeiro presidente civil pós-ditadura militar**.

Disponível em:

[http://istoe.com.br/162326_SARNEY+O+PRIMEIRO+PRESIDENTE+CIVIL+POS+DITADURA+MILITAR+/. Acesso em: 31 ago. 2017.](http://istoe.com.br/162326_SARNEY+O+PRIMEIRO+PRESIDENTE+CIVIL+POS+DITADURA+MILITAR+/)

RONDELLI, Elizabeth. HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biógrafo: sensacionalismo da morte em cena. **Tempo Social**, maio de 2000. São Paulo: USP

SANTOS. Thiago Emanuel Ferreira. Cultura política brasileira no telejornalismo do horário nobre. 2014. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Salvador.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, Volume I: Por que as notícias são como são. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.



WILLIAMS, Raymond. The technology and the society. In: WILLIAMS, R. **Television: technology and cultural form.** Londres: Routledge, 1997. p. 9-31.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.